

OMNIA SAÚDE

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. Vínculos amorosos contemporâneos frágeis. *Omnia Saúde*, v.10, n.1, p.36-45, 2013.
ISSN versão Online 2236-188X
ISSN versão Impressa 1806-6763

Recebido em: 06/03/2013
Revisado em: 20/09/2013
Aceito em: 14/11/2013

VÍNCULOS AMOROSOS CONTEMPORÂNEOS FRÁGEIS

WEAK LOVING LINKS CONTEMPORARY

Sandra Aparecida Serra Zanetti

Doutora em Psicologia Clínica (IP/USP)

Isabel Cristina Gomes

Livre-Docente (USP)

Professora Titular do Instituto de Psicologia (USP)

Nota: O presente artigo é derivado de doutorado, financiado pelas agências FAPESP e CAPES, esta última também responsável por um estágio no exterior (Université Paris V – René Descartes), as quais agradecemos.

RESUMO

O dinamismo promovido pela modernidade criou condições socioculturais e econômicas contemporâneas que correspondem a mudanças de paradigmas e de valores de referências, por sua vez, capazes de interferir na construção subjetiva dos indivíduos e na organização dos vínculos. O objetivo desse artigo centra-se na compreensão do fenômeno “vínculos amorosos contemporâneos frágeis” sob a óptica da psicanálise; possibilitando uma leitura desse fenômeno como decorrente das condições socioculturais e econômicas que, em função de transformações profundas no nível da sociabilidade, ocasionam falhas na função do intermediário, gerando o empobrecimento dos processos representacionais e a dificuldade de lidar com a alteridade, por consequência.

Palavras-chave: Vínculo; Amor; Contemporaneidade; Alteridade; Psicanálise.

ABSTRACT

The dynamism made by modernity has created contemporary sociocultural and economic conditions that correspond to changes of paradigms and reference values which, in turn, can interfere with the subjective construction of individuals and in the organization of links. The aim of this paper is understand the "weak loving links contemporary" phenomenon from the perspective of psychoanalysis; enabling a reading of this phenomenon as resulting from sociocultural and economic conditions that, due to significant changes in the level of sociability, cause failure of the intermediary function, resulting in the impoverishment of representational processes and the difficulty of dealing with alterity, as a result.

Keywords: Link; Love; Contemporary; Alterity; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O dinamismo promovido pela modernidade, relativo ao ritmo imposto sem precedentes pelas constantes mudanças direcionadas pela tecnologia e globalização (GIDDENS, 1991), criou condições socioculturais e econômicas contemporâneas que culminaram em transformações de paradigmas e de valores de referências. Estas, por sua vez, são capazes de interferir na construção subjetiva dos indivíduos e na maneira como se organizam os seus vínculos. O intuito deste texto será o de observar esses fenômenos à luz da psicanálise para compreender, como efeito, a construção de vínculos amorosos frágeis nos dias atuais.

Efeitos da modernidade: traços de insegurança e incerteza

Diante da necessidade de se construir uma nova ordem, em seu projeto em busca da perfeição, a modernidade se tornou “líquida” (BAUMAN, 2001). Para esse autor, os construtores do mundo moderno, procurando livrar-se daquilo que impedia o pleno desenvolvimento das instituições que visavam principalmente o lucro, acabaram por diluir diversas instâncias de referência do ser humano. Dessa forma, valores, lealdades tradicionais, direitos e obrigações que impunham compromissos e que restringiam as iniciativas dos cálculos financeiros foram sentidos como obstáculos para o dinamismo que a modernidade requeria e, com o passar do tempo, tornaram-se obsoletos e desvalorizados.

Bauman (2001) ancora-se nessas premissas para abordar o contexto social contemporâneo em diversos âmbitos. O sistema econômico tem grande peso em sua fundamentação, bem como os efeitos da globalização. Considera que o trabalho adquiriu alto valor nos tempos modernos devido a sua capacidade de providenciar riquezas e eliminar a miséria, além de contribuir para o estabelecimento da ordem (BAUMAN, 2001). Entretanto, a natureza outrora acumulativa e de longo prazo do trabalho, que visava o progresso na época moderna, cedeu lugar ao preceito da flexibilidade. Para Sennett (2002), o princípio abordado neste preceito é o de que os indivíduos aprendam, principalmente, a tornarem-se capazes de se desvincular do passado e da necessidade de confiança para aceitar a ideia de fragmentação. Este tipo de mentalidade, embora aparentemente bastante atraente aos “donos do capital”, é pouco legível e produz uma sensação de um mundo incompreensível, para o autor.

O esforço por desancorar essas relações e transformar tudo que era “sólido” em “líquido” provocou um “capitalismo leve” (BAUMAN, 2001), volátil, porque nenhum administrador hoje necessita de seu capital empregado em solo firme com trabalhadores fiéis. O capital segue solto, de tal forma que produz condições de trabalho incertas, cuja decorrência é a “flexibilidade” em torno do mesmo. Além disso, essa incerteza do presente se transforma numa poderosa força individualizadora quando, nesse contexto, a ideia de interesse comum perde seu sentido.

Para Charles (2007), a lógica da globalização independente, de uma competição desenfreada e de uma precarização do emprego providenciam uma mudança na relação do ambiente social com o presente, porque se valer da história, do passado para compreender o futuro, ou mesmo o presente, perde seu valor. E, então, a desagregação do mundo da tradição vivida não mais sob o regime da emancipação assume os encargos da tensão nervosa, gerando o medo do futuro incerto.

Como efeito, essa precariedade que rege a vida contemporânea, para Bauman (2004), treina homens e mulheres a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, inclusive de seres humanos. Num mundo em que “o futuro é, na menor das hipóteses, sombrio e nebuloso” (BAUMAN, 2001, p. 186), as oportunidades não podem ser perdidas e qualquer compromisso hoje pode indicar um obstáculo para uma nova oportunidade amanhã e, portanto, quanto mais leves e superficiais as relações menores os riscos de prejuízo pessoal. Assim, a política da precarização acaba sendo apoiada e reforçada pela política da vida, ainda que adotadas por falta de alternativa, levando ao enfraquecimento dos laços humanos, das comunidades e das parcerias. Em outras palavras, afirma Bauman (2001), os laços hoje são vistos e tratados como coisas a serem consumidas e não produzidas.

Dessa maneira, vivendo num mundo repleto de sinais confusos, incertos, propensos a mudar com rapidez e de forma imprevisível, os indivíduos sentem que precisam aprender a não ter ligações indissolúveis e definitivas, segundo Bauman (2004). Os laços, para esse autor, só precisam ser frouxamente atados para que possam novamente ser desfeitos, sem grandes “delongas”.

É assim que Bauman (2004) compreende o enfraquecimento dos laços sociais e amorosos, o declínio do modelo da união pessoal “até que a morte nos separe”. Além de ser perceptível no convívio social, esse fenômeno tem sido abordado por estudos atuais preocupados em compreender as novas formas de se relacionar, isentas de compromissos, no sentido de perceber se realmente trata-se de uma opção que envolve satisfação e bem-estar; porém contradizem-se a este respeito (ANTUNES, 2010; HOSTETLER, 2009; SCHACHNER, SHAVER & GILLATH, 2008). Outros estudos abordam o preconceito existente frente a este novo tipo de população, em nível social e na literatura acadêmica, (BURNE & CARR, 2005; DE PAULO & MORRIS, 2005; KAISER & KASHY, 2005).

Neste texto, contudo, pretendeu-se compreender o fenômeno dos “vínculos amorosos contemporâneos frágeis”, ou seja, efêmeros e instáveis, sob a óptica da psicanálise. O que inicialmente possibilitou uma leitura desse fenômeno como decorrente das condições socioculturais e econômicas de vida. Em seguida, discute-se a interferência desse quadro na construção dos vínculos por meio de falhas na função do intermediário; que por sua vez ocasiona um empobrecimento dos processos representacionais, das funções pré-conscientes e da capacidade de simbolização.

As falhas do intermediário

Em última instância, o mal-estar do mundo contemporâneo, que pode ser representado pelos medos, incertezas e inseguranças, descrito pelos autores anteriormente, atinge os processos representacionais, a construção dos sentidos e os dispositivos psíquicos interpretativos, de acordo com Kaës (2005). Para se alcançar esta compreensão, no entanto, será preciso acompanhar o autor, que parte da premissa de que a categoria do intermediário é um importante conceito de articulação entre os fenômenos socioculturais e a construção do psiquismo.

A categoria do intermediário, segundo Kaës (2005), foi utilizada por Freud e apesar de ser uma categoria constante em sua obra, aparece somente através de uma leitura atenta do conjunto. Presente na primeira e na segunda tópica, é ela quem permite a aproximação da “articulação entre o espaço intrapsíquico e o espaço intersubjetivo, pluri-subjetivo, socialmente organizado,

coletivamente atravessado pela realidade psíquica” (KAËS, 2005 p.11). Um conceito que aborda a mediação, que promove uma ponte entre duas ordens de realidade que não podem ser reduzidas uma a outra. Contudo, esse autor considera que em nosso mundo moderno o mal-estar deve-se em parte a uma deficiência ou ausência destas formações intermediárias.

Kaës (2005) fundamenta-se em Freud (1929/2006), O mal-estar da civilização, para colocar em evidência o processo da renúncia à realização direta dos fins pulsionais por meio de um contrato em que o homem abdica de uma parte da felicidade para trocá-la por segurança. A vida civilizada constrói-se por meio da edificação de um direito ao qual todos os membros que aderirem à comunidade possuem por terem contribuído ao sacrificar sua pulsão instintiva pessoal (FREUD, 1929/2006). Para Kaës (2005), sobre esta base a comunidade se protege “contra a violência do indivíduo, impõe a necessidade e torna possível o amor. Ela garante a cada um a segurança necessária para a **formação do pré-consciente, para o trabalho do pensamento e a manutenção dos vínculos**” (p. 57, grifos nossos). Nestes termos, na base da formação e da manutenção da sociedade e da cultura está um processo intermediário, possibilitado pela capacidade de sublimação, e o indivíduo só se submete a essa necessidade por encontrar a vantagem de conviver em segurança.

Entretanto, quando Kaës (2005) menciona o mal-estar em nosso mundo moderno se refere ao “conjunto de transformações agudas que afetam a função do intermediário no campo da vida social e da cultura” (p. 53). Dentre essas mudanças, destaca a mutação nas estruturas familiares, a fratura nos laços intergeracionais; a notável mudança das relações entre os sexos; “a transformação dos vínculos de sociabilidade, de estruturas de autoridade e de poder; e a confrontação violenta resultante do choque entre as culturas” (KAËS, 2005 p.53).

No que tange à construção deste texto, é possível entender algumas dessas transformações apontadas pelo autor, principalmente as que se referem aos vínculos de sociabilidade, enquanto decorrentes do dinamismo da modernidade, em função da perda dos valores de referência, da desagregação do mundo da tradição, ou seja, de mudanças profundas de princípios e paradigmas de organização sociocultural. Quando Bauman (2001) e Sennett (2002) salientam, por exemplo, as mudanças ocorridas em torno do âmbito do trabalho, a construção das incertezas e da fragmentação como os novos paradigmas, está em jogo a transformação de princípios, crenças e mitos, justamente o que, para Kaës (2005), são os elementos fundadores da vida em comunidade, a base narcísica do sentimento de pertencimento a um conjunto social. Dessa forma, paradigmas de sociabilidade em movimento, tornam diluídas as referências até então sólidas, baseadas na honra, na estabilidade e no compromisso, como aponta Bauman (2004). Por sua vez, representam crenças e mitos em transformação, que resultam em falhas nos processos de apoio, carência das funções intermediárias e, sobretudo, das mediadoras do pré-consciente. Isto porque quando mitos e crenças estão estabelecidos e podem ser tomados como referência, representam elementos mediadores e fundadores entre o indivíduo e a sociedade.

Da mesma forma, essas transformações afetam a base segura da convivência necessária para a vida em comunidade (KAËS, 2005); pois à medida que as funções intermediárias não realizam seu papel resultam dificuldades de integração das pulsões, no espaço psíquico e no espaço social. Impossibilitadas de serem adequadamente elaboradas, o excesso das estimulações “põe em xeque a formação do recalque, da violência incontrolada, das perturbações do pensamento e da submissão arrasadora aos ideais arcaicos” (KAËS, 2005, p. 54). Portanto, o mal-estar do mundo atual acaba por atingir os processos representacionais, a construção dos sentidos e os

dispositivos interpretativos. Para Kaës (2005) trata-se de “perturbações das funções e estruturas intermediárias e do jogo transicional” (p. 66), que localiza topicamente na atividade do pré-consciente, responsável pelo trabalho da simbolização primária e de sublimação.

Portanto, a premissa em que se baseia esse artigo é a de que transformações profundas no nível da sociabilidade por modificarem os padrões de referência passaram a interferir no funcionamento das estruturas intermediárias em nível cultural e psíquico, ao questionarem a base narcísica de pertencimento ao grupo e os fundamentos da identidade, por consequência. Isto é, de acordo com Kaës (2005), as dificuldades surgem quando em função de uma desorganização das referências simbólicas e dos enunciados fundamentais, próprios do conjunto humano (os interditos, as certezas e as crenças das quais os contratos coletivos e os mitos são as garantias), as representações identitárias tornam-se insuficientes e inconsistentes. Disso decorre a desvalorização narcísica, a rejeição da identidade e da alteridade.

Vínculos amorosos contemporâneos frágeis

Eros, segundo Figueiredo (2007), é o portador da diferença e da ambivalência entre o prazer e a dor: comporta um aumento de tensão, o rompimento de um equilíbrio e a dimensão do traumático. O que está em jogo na construção dos vínculos amorosos é justamente a diferença, e a capacidade de lidar com essa diferença, com a alteridade de maneira que se torne íntima e desconhecida ao mesmo tempo.

Para psicanalistas adeptos da teoria do vínculo (BERENSTEIN, 2010; EIGUER, 2008), a presença do outro demanda um trabalho de reconhecimento da alteridade, que ao mesmo tempo é modificadora do vínculo. Isto significa que aspectos relativos à singularidade do outro sujeito têm a potencialidade de atingir a constituição subjetiva do sujeito.

A noção de **vínculo** é tardia na teoria psicanalítica e é distinta da noção de representação e de relação de objeto. Apareceu, segundo Mogueillansky (1999), pela necessidade de pensar o sujeito do inconsciente como um sujeito da herança e da crescente importância de considerar o intersubjetivo na constituição do indivíduo, no seio de suas relações familiares.

Ainda segundo Mogueillansky (1999), a **relação de objeto** refere-se à relação que o ego tem com um objeto, mais precisamente com um objeto interno. A relação do ego ou do self com o objeto interno, condiciona, media, colore a relação com o objeto externo. A noção de vínculo, por sua vez, esteve presente desde o início na obra freudiana, mas passou a ganhar mais peso e consistência teórica com as obras de Bion (1975), Berenstein & Puget (1993) e de Kaës (1997). O conceito de vínculo tem como característica básica o fato de ser um fenômeno que aborda a mediação, a construção intersubjetiva entre os sujeitos e, assim, cada ego que constitui a dupla tem importância nessa constituição.

Pode-se entender, portanto, que o vínculo precede a relação de objeto porque esta corresponde a uma fantasia de interiorização do vínculo que se formou e se desenvolve com um objeto da realidade externa (JAROSLAVSKY & MOROSINI, 2010). Esses autores, assim, consideram que existe uma relação dialética entre vínculo e relação de objeto, já que a relação de objeto é o motor do vínculo, organizando-o e criando-o. Evidencia-se aqui o caráter de transformação que o vínculo impõe ao sujeito, pois o leva a questionar realidades inconscientes específicas que se diferenciam daquela vivenciada com o outro ego.

Para Eiguer (2008) o vínculo pressupõe a existência de mecanismos projetivos cruzados e diferentes formas de identificação, e toda a emissão proveniente do outro sujeito deverá ser tratada e elaborada pelo aparelho psíquico do sujeito. Segundo esse autor, cada objeto interno conserva um apetite de ligação com os outros objetos, pois o ego o coloca em trabalho mobilizado pelos gestos e pelo comportamento do outro.

E, além disso, no que se refere ao trabalho psíquico que o vínculo impõe à dupla, Eiguer (2008) ainda ressalta a existência dos quatro “R”, quatro fenômenos que perpassam à formação de um vínculo e à sua manutenção: o **reconhecimento** da diferença; o **respeito**, que, segundo o autor, sugere um longo processo de aproximação onde o outro parece próximo e ao mesmo tempo diferente; a **responsabilidade** pelo sofrimento do outro, por seu destino; e, a **reciprocidade**, que supõe um investimento intersubjetivo criativo.

Dessa forma, dando continuidade, pode-se inferir que quando condições socioculturais e econômicas têm a potencialidade de influenciar na construção psíquica dos indivíduos por meio de uma precarização das funções pré-conscientes, estas também têm a potencialidade de interferir nas construções vinculares amorosas que, imprescindivelmente, exigem do indivíduo uma disponibilidade psíquica de trabalho de elaboração constante quando se está intimamente ligado com a alteridade, com o outro. Neste sentido, Costa (2003) sugere que o indivíduo, em decorrência de uma insuficiência de recursos psíquicos para lidar com as atuais condições de vida, passou a estar mais autocentrado em seu narcisismo.

Diferentemente de Lasch (1983) que supõe a existência de uma sociedade cujos indivíduos se prendem a uma busca do prazer e da liberação físico-sexual, para Costa (2003) o “narcisismo moderno” liga-se a um mal-estar atual, como apontado por Kaës (2005), representando um “efeito de traumatismo” e uma busca regeneradora, como uma maneira “de limitar os efeitos violentos da sociedade de consumo” (COSTA, 2003, p. 169). Ou seja, para este autor o que há neste processo é uma relação violenta entre a sociedade contemporânea e este novo indivíduo, que procura se recuperar dela, investindo narcisicamente em si:

“A devastação da vida privada, tão bem descrita por Lasch, excedeu o que ele pôde suportar. Tornando o corpo e o sexo objetos de consumo, o capitalismo moderno obrigou o indivíduo a adotar uma “estratégia de sobrevivência narcísica” que pouco tem a ver com o prazer e muito com a dor. O indivíduo moderno é um indivíduo violentado, antes de ser narcisista. É esta violência que explica seu narcisismo e as aparências “patológicas” que ele assume. Seu corpo e seu sexo monopolizam a libido objetual porque, como o “órgão lesado”, ou “hipocondríaco” de Freud, tornaram-se fontes de sofrimento, dor e ameaça de morte para o EU” (COSTA, 2003, p. 169).

No quadro das sintomatologias do “narcisismo moderno” se enquadram as oscilações bruscas de autoestima, de humor, a depressão, a sensação de tédio e de vazio interior, mas também as inconsistências das relações amorosas, o medo da dependência e a hipersensibilidade à frustração (COSTA, 2003).

Quando Kaës (2005) salienta, como consequência das falhas do intermediário na cultura, a possibilidade do empobrecimento das potencialidades de elaboração psíquica dos sujeitos, localizadas topicamente no pré-consciente, é possível deduzir que a “hipersensibilidade à frustração”, um quadro clássico do narcisismo exacerbado, encontra neste empobrecimento as suas raízes. Ou seja, da mesma forma que Kaës (2005), Costa (2003) considera o fenômeno do “narcisismo moderno” enquanto efeito das condições de existência atuais, que, por sua vez,

também pode ser compreendido como um derivado das falhas dos processos intermediários no nível sociocultural e psíquico.

Acompanhando as ideias de Eiguer (2008) a respeito da importância dos quatro “R” nas formações vinculares, será possível compreender que a dimensão do reconhecimento exige implicitamente do indivíduo que perceba suas próprias falhas, já que aceitar a diferença significa admitir o que é próprio do outro, ou seja, o que o sujeito não possui, do que está desprovido. E um indivíduo que se encontra narcisicamente envolvido não está disposto a reconhecer suas próprias falhas e, por consequência, também indisposto para o trabalho psíquico que um vínculo exige.

Portanto, procurando contextualizar o fenômeno dos “vínculos amorosos contemporâneos frágeis” foi possível compreender que esses indivíduos podem, na realidade, estar buscando uma estratégia de organização psíquica frente às condições de existências atuais, o que os tornam mais autocentros e indispostos a encontrar saídas intermediárias de vinculação, supondo principalmente a dificuldade em lidar com a alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações constantes e rápidas, impulsionadas por um dinamismo ancorado em desenvolvimentos tecnológicos, econômicos e globais (BAUMAN, 2001; GIDDENS, 1991) colocou em xeque a organização de um mundo em que os valores de referência estavam profundamente estabelecidos, eram sólidos e promoviam a construção de identidades e vínculos também sólidos (BAUMAN, 2001, 2004).

O presente trabalho procurou apresentar o fenômeno dos vínculos amorosos frágeis justamente dentro deste contexto, ou seja, refletindo as instâncias em movimento que agora regem o mundo, sob a ótica da psicanálise.

Neste sentido, as ideias de Kaës (2005) foram capazes de demonstrar os mecanismos psíquicos em jogo quando um indivíduo precisa lidar com as instabilidades em torno das referências de padrões de sociabilidade e de valores, culminando no empobrecimento das funções representacionais e dos mecanismos elaborativos. Tendo como consequência as formações identitárias insuficientes e inconsistentes, a desvalorização narcísica e a rejeição da alteridade. Assim, circunscrevemos a formação de vínculos amorosos frágeis enquanto expressão de subjetividades contemporâneas traumáticas, de acordo com Kaës (2005), Eiguer (2008) e Costa (2003), cuja dificuldade maior em lidar com a alteridade ocorre em função das exigências de trabalho psíquico que um vínculo impõe ao sujeito, tomando-se as condições de vida atual.

A leitura psicanalítica desse fenômeno se encaminha, portanto, na direção da impossibilidade do encontro entre o indivíduo traumatizado e o amor. O amor - traumatizante por impor a ambivalência entre o prazer e a dor, o aumento de tensão e o rompimento de um equilíbrio (FIGUEIREDO, 2007), - não pode ser pensado, suposto, imaginado pelo indivíduo traumatizado, encerrado em seu narcisismo (COSTA, 2003), em função das condições contemporâneas de existência que não oferecem referências estáveis, recursos simbólicos suficientes (KAËS, 2005) para que os mecanismos projetivos cruzados, o respeito, os investimentos intersubjetivos criativos, o reconhecimento da diferença e a responsabilização

pelo sofrimento e destino do outro, próprios de um vínculo amoroso (EIGUER, 2008) sejam vivenciados como experiências possíveis, quiçá prazerosas.

O que resta então? Essa é uma indagação consequente à visão até certo ponto pessimista que os autores acima enfocam o indivíduo, inserido na sociedade atual e sua capacidade de se vincular amorosamente. Entretanto, não poderíamos finalizar sem chamar a atenção ao fato de que, a despeito de toda a reflexão empreendida acerca da fragilização dos vínculos amorosos na contemporaneidade, ainda é inerente ao ser humano a necessidade de se vincular e pertencer a um grupo, seja ele o familiar ou o social e cultural mais amplo, mesmo que isso represente uma outra construção subjetiva e, conseqüentemente, teorizações novas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. S. X. *Itinerários da vida de solteira: razões e sentidos em projetos de vida de mulheres solteiras à luz do sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação*. Dissertação em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2010.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERENSTEIN, I. Conflictos en la pareja y/o conflictos de pareja. *Actualidad Psicológica*, 7-10. 2010

BERENSTEIN, I. & PUGET, J. *Psicanálise do Casal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

BION, W. R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BYRNE, A. & CARR, D. Caught in the Cultural Lag: The Stigma of Singlehood. *Psychological-Inquiry*, v. 16, n.2-3, p.84-91, 2005.

CHARLES, S. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles lipovetsky. In G. Lipovestky, *Os tempos Hipermodernos* (pp. 13-48). São Paulo: Editora Barcarolla, 2007.

COSTA, J. F. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

DE PAULO, B. & MORRIS, W. Singles in Society and in Science. *Psychological-Inquiry*, v.6, n.2-3, p.57-83, 2005.

EIGUER, A. *Jamais moi sans toi*. Dunod: Paris, 2008.

FIGUEIREDO, L. C. M. Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.41, n.3, p.69-87, 2007.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In S. Freud, *O futuro de uma ilusão o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XXI. (pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago, 1929-2006.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

HOSTETLER, A. J. Single by Choice? Assessing and Understanding Voluntary Singlehood Among Mature Gay Men. *Journal of Homosexuality*, v.56, n.4, p.499-531, 2009.

JAROLAVSKY, E. & MOROSINI, I. Sufrimiento vincular y sus transformaciones en el psicoanálisis de pareja y familia. Trabajo sobre el Vínculo. Mesa Redonda. Sesión Especial. In _____, *IV° Congreso AIPCF 2010*. Buenos Aires, 2010.

KAISER, C. & KASHY, D. The Contextual Nature and Function of Singlism. *Psychological-Inquiry*, v.16, n.2-3, p.122-126, 2005.

KAËS, R. *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

KAËS, R. *Espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LASH, C. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MOGUILLANSKY, R. *Vínculo y Relación de Objeto*. Buenos Aires: Editora Polemos S. A, 1999.

SCHACHNER, D. A.; SHAVER, P. R. & GILLATH, O. Attachment style and long-term singlehood. *Personal Relationships*, v.15, p.479-491, 2008.

SENNET, R. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.